



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Grande Sertão: Veredas, “lugar de memória” e ponte para a história de uma Minas Gerais esquecida

Prof. MSc. Cristiano Lima Sales
Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei - USFJ.
Professor de História da América na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM – MG - Brasil
E-mail: c.limaastronauta@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo visa discutir a possibilidade de abordar uma obra literária - *Grande Sertão: Veredas*, clássico de João Guimarães Rosa - como “lugar de memória” e ponte para penetrar na história do sertão de Minas Gerais, região quase sempre colocada à parte ou marginalizada na produção acadêmica. Retomando criticamente as ideias de alguns autores que contribuíram para a teorização sobre as relações entre memória e história, procuro apontar caminhos interpretativos e possibilidades de utilização da referida obra na ciência histórica.

Palavras-chave: Memória. História. Literatura. Guimarães Rosa. Minas Gerais.

Introdução

Memória e história seriam, de acordo com o que colocam alguns estudos no campo das ciências humanas, diferentes mecanismos usados para evocar o passado. Contudo, pretendo mostrar, neste artigo, como os chamados “lugares de memória” – museus, objetos, obras de arte, dentre outros – podem constituir fatores

de interação entre essas duas dimensões, situando-se no centro da polêmica discussão que ora aproxima e ora afasta a memória e a história.

Uma das primeiras tentativas de se pensar a relação história-memória, partiu do sociólogo Maurice Halbwachs; mas ele o fez opondo termo a termo os dois universos. Halbwachs propôs que a memória seria tudo aquilo que flutua, o concreto, o vivido, o momentâneo, o múltiplo, o sagrado, a imagem, o afeto..., enquanto que a história se caracterizaria por seu caráter essencialmente crítico, conceitual, problemático e laicizante. Uma distinção radical a esse ponto nos leva a conceber a história apenas a partir do ponto onde acabaria a memória, ou seja, a história seria sempre, uma reconstrução, uma recriação de algo que não experimentamos mais (DOSSE, 2004).

Seguindo o mesmo raciocínio, Pierre Nora diz que, desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. A memória seria, assim, um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente e a história uma representação do passado (NORA, 1993).

Nora vai mais longe ainda ao proclamar a derrocada da memória a partir do início da era moderna e o seu fim, na contemporaneidade, em frases como: “Fala-se tanto em memória porque ela não existe mais (...). Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 07); ou: “Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história” (NORA, 1993, p. 08).

O historiador François Dosse, entretanto, alerta para o fato de que estudos recentes de história social da memória mostram que essa oposição canônica entre história e memória não é pertinente (DOSSE 2004), como veremos a seguir.

O próprio Nora afirma que “a razão de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas (...); materializar o imaterial” (NORA, 1993, p. 22). Nesse sentido, um lugar de memória constitui-se referência concreta de uma certa temporalidade, de uma determinada configuração sociocultural, devendo necessariamente fixar em si uma mentalidade

ou memória coletiva as quais a pesquisa historiográfica contemporânea não pode se privar de investigar.

Retomando criticamente as ideias de alguns autores que participaram da teorização acerca das relações entre memória e história, pretendo, aqui, tratar *Grande Sertão: Veredas* – clássico literário de João Guimarães Rosa, como lugar de memória de uma Minas Gerais quase sempre colocada à margem na historiografia. A tarefa não é fácil, devido à grandiosidade da obra e à complexidade própria da sua interpretação, todavia, é um exercício que vale o esforço, no sentido de apontar caminhos interpretativos e possibilidades de utilização dessa obra na ciência histórica.

1. O depoimento “de Riobaldo” como memória do sertão

Devemos iniciar pela compreensão da estrutura do livro – uma narrativa em primeira pessoa, na qual o narrador-personagem Riobaldo, ex-jagunço já idoso, desfia “suas” memórias individuais e coletivas para um interlocutor-ouvinte subtendido, mas fortemente presente no texto.

A maneira como a “história” é contada “por Riobaldo” evidencia o tipo de relação de memória que nós, concretamente humanos, temos com o passado – está toda ela impregnada pela descontinuidade, pelo vacilo, pelas “idas e vindas” no tempo (situação oposta àquela que encontramos nos textos historiográficos, fundamentados numa cronologia temporal retrospectiva). A memória “de Riobaldo” é instável, maleável, como a memória de qualquer ser humano encarnado, renunciando à temporalidade linear em proveito dos tempos múltiplos nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo (LE GOFF, 2003).

A memória não tem coesão, não tem lógica, não tem simetria, é fragmentada, múltipla, confusa, (...) não tem uma compreensão profunda da passagem do tempo. Ela embaralha tudo, mistura (...), funde, costura os tempos (FREITAS, 2002, p.73).

E como era de se esperar de qualquer ser humano idoso, a capacidade de rememorar da personagem de Rosa, está sujeita às falhas causadas pela natural deterioração do sistema nervoso central. Nesse caso, a memória de fatos recentes é a primeira a ser perdida, ao mesmo tempo em que a memória de fatos do passado surge com grande precisão de detalhes (FREITAS, 2002).

Todas essas características estão bastante explícitas ao longo do discurso “de Riobaldo”, em passagens tais como: “Pois porém, ao fim retomo, emendo o que vinha contando” (ROSA, 2006, p.78); ou quando, reconhecendo “ele próprio”, suas humanas limitações, diz: “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas” (ROSA, 2006, p.21); ou ainda nos seguintes trechos:

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. (...) Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. (...) A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe (ROSA, 2006, p.98-99).

Sendo isso. A dôido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença (ROSA, 2006, p.100).

Diante de uma narrativa com essa configuração, a “tentação” de ler a obra como um verdadeiro depoimento, uma entrevista, semelhante a uma transcrição de pesquisa de história oral, é constante. É preciso o tempo todo estar alerta para o fato de que Riobaldo é uma personagem e, na verdade, quem fala através dele é o autor da obra. Guimarães Rosa, via Riobaldo, nos dá uma verdadeira aula sobre o

comportamento da memória humana e sobre a utilização das características da memória no processo de construção de sua narrativa literária¹.

É sabido que o autor foi também uma espécie de “ouvinte” e “coletor de memórias”. Antes de escrever suas obras, Rosa pôs-se a percorrer o sertão mineiro – cenário consagrado na sua literatura – entrando em contato direto com o ambiente natural e cultural sertanejo e com o homem do sertão. Conta-se que *Grande Sertão: Veredas*, em especial, teria sido inspirado na experiência de participar de uma comitiva capitaneada pelo vaqueiro Manuelzão², levando uma boiada entre a região da Sirga, no então povoado de Barreiro Grande (hoje cidade de Três Marias) e a Fazenda São Francisco, em Araçáí, ex-distrito de Sete Lagoas. Na viagem de dez dias, realizada em maio de 1952, montado no lombo da mula Balalaica, Rosa perguntava sobre tudo aos vaqueiros seus companheiros de jornada. Ia anotando as respostas em cadernetas, espécies de “diários de viagem”, que hoje integram o acervo histórico da Universidade de São Paulo - USP. Recolhia, assim, impressões, ideias, descobertas, conhecimentos acerca daquele universo e, sobretudo, documentava o vocabulário e os diálogos travados com os sertanejos³.

¹ Embora construído em outro contexto e com temática diferente, outra boa sugestão de leitura para os estudiosos da relação entre memória e literatura, especialmente no que tange à fragmentação da memória expressa na construção de uma obra literária, é o livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque (ver BUARQUE, 2009).

² Manuelzão – Manuel Nardi – virou, inclusive, personagem do conto *Uma Estória de Amor (Festa de Manuelzão)*, de Guimarães Rosa, publicado no volume *Manuelzão e Miguilim* - uma das partes da obra *Corpo de Baile*. O vaqueiro nascido em Dom Silvério a 06 de junho de 1904, faleceu, aos 92 anos, em Andrequicé, distrito de Três Marias, em 05 de maio de 1997. Ainda em vida inspirou a criação do “Projeto Manuelzão” – iniciativa de professores da Faculdade de Medicina da UFMG, visando promover diversas ações em prol de melhorias nas condições ambientais e, consequentemente, da qualidade de vida da população, tendo a bacia hidrográfica do rio das Velhas (região de origem de Manuelzão) como foco de atuação (Ver: <<http://www.manuelzao.ufmg.br/>>).

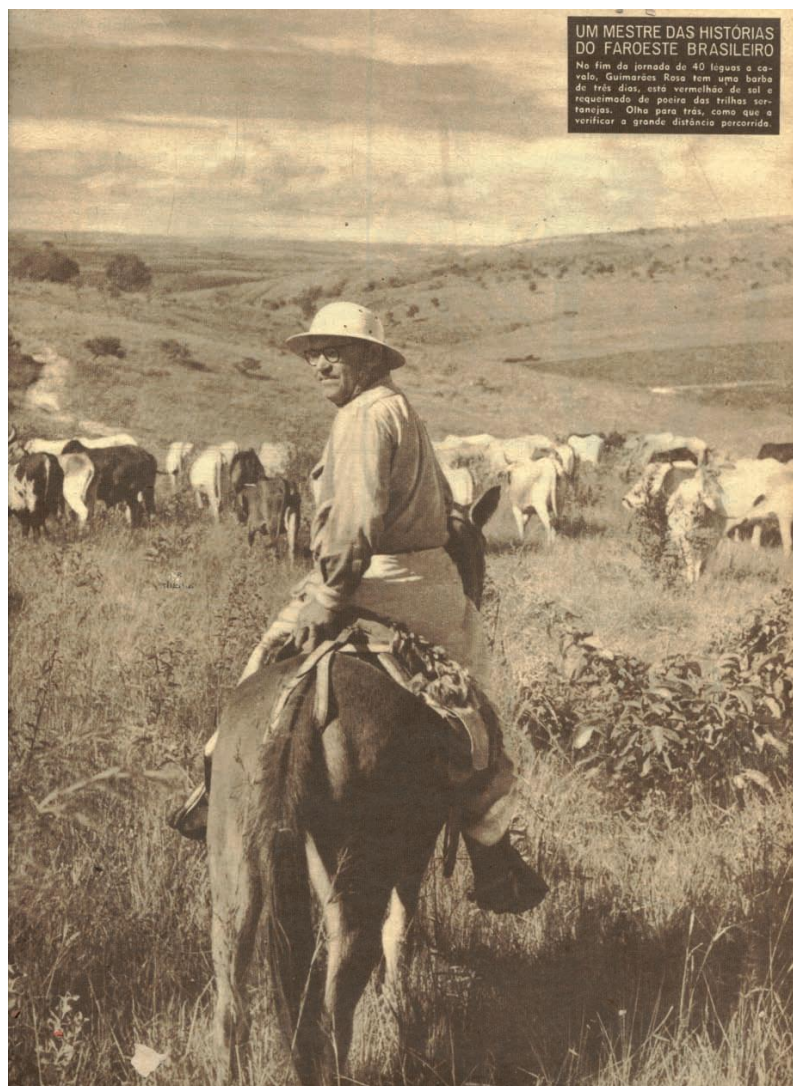
³ Ver mais informações em MEYER, 2006 e NERY, s/ data. Esta viagem foi documentada por repórteres da revista O Cruzeiro e publicada em reportagem na edição de junho de 1952.



Fotos de Eugênio Silva, publicadas na revista *O Cruzeiro* em junho de 1952 (Arquivo EM). Na foto da esquerda, Guimarães Rosa descansa ao lado de Manuelzão (de chapéu branco).



Manuelzão no registro de época de Eugênio Silva para a revista *O Cruzeiro* de junho de 1952 e já idoso (disponível em: <http://www.imagemtempo.com.br/guimaraesrosa/curta_13_livro.htm>).



O “clássico” registro de Eugênio Silva da viagem de Guimarães Rosa montado na mula Balalaica pelo sertão mineiro, para a revista *O Cruzeiro* de junho de 1952.

Rosa deve ter percebido que o discurso oral (natural e espontâneo) é muito mais detalhado e expressivo que o discurso escrito (formal, elaborado e estereotipado). E foi a partir da fusão de elementos da oralidade no discurso escrito e do recurso àquelas memórias recolhidas, que o autor criaria sua genial e inovadora obra literária, que pode ser interpretada como um “lugar de memória do sertão”, uma vez que é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente (FREITAS, 2002).

A literatura de Rosa se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras, fixando-a, aproximando-se assim da história social da memória. Vai mesmo além disso – seu objetivo parece ser “apreender a alma, o gênio” do povo do

sertão, aquilo que faz com que aquele povo seja o que é, e sua obra acaba constituindo-se num dos poucos pontos de entrada para o universo mental dos sertanejos, à semelhança do que assinala Sônia M. de Freitas em relação à utilização de contos populares como fonte para uma história das mentalidades (ver FREITAS, 2002).

Embora quase sempre o autor recrie ou mesmo reinvente a cultura sertaneja na sua escrita, repleta de neologismos e expressões incomuns de sua exclusiva autoria, algumas vezes ele age como coletor mesmo de versos e trovas de domínio popular, que tanto dizem sobre a mentalidade de um povo, como:

Meu boi preto mocangueiro,
árvore pra te apresilhar?
Palmeira que não debruça:
buriti – sem entortar... (ROSA, 2006, p. 80)

Olerê, Baiana,
eu ia e não vou mais...
Eu faço
que vou
lá dentro, oh Baiana,
e volto do meio p'ra trás... (ROSA, 2006)

Na obra estão expressas, também, concepções de vida, de tempo e de espaço do sertanejo:

Triste é a vida do jagunço – dirá o senhor. Ah, fico me rindo. O senhor nem não diga nada. “Vida” é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma falsa idéia. Cada dia é um dia (ROSA, 2006, p.398).

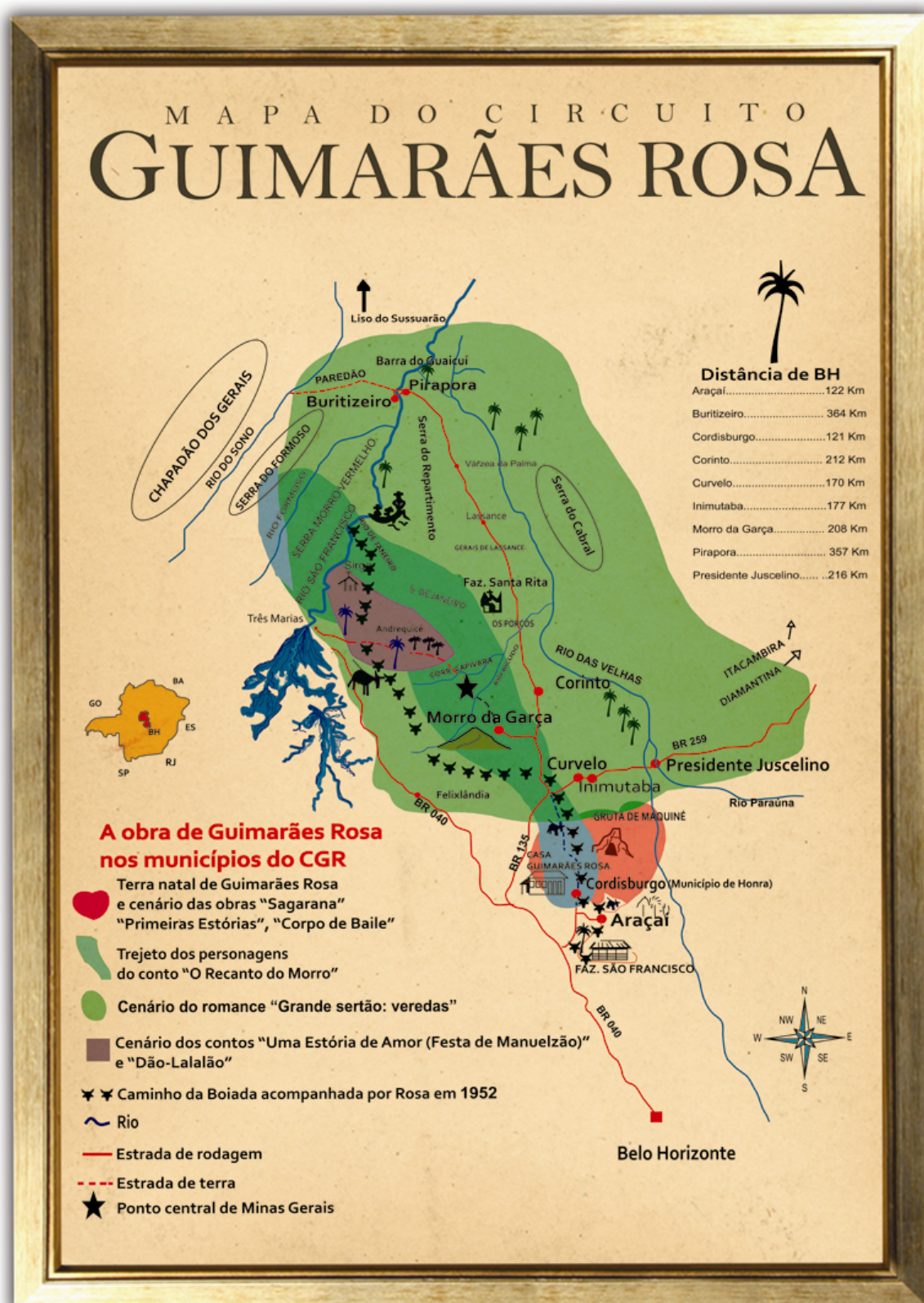
Se tinha um roteiro, sendo para ser: o mais encostado possível no São Francisco, até para lá do Jequitai, e mais. (...) Nesse dia mesmo, em nossos cavalos tão bons, dobramos nove léguas. As nove. Com mais dez, até a Lagoa do Amargoso. E sete, para chegar numa cachoeira no Gorutuba. E

dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas marchas: sertão sempre (ROSA, 2006, p. 285-286).

Lendo tão somente os dois excertos acima podemos perceber como as dimensões de tempo e espaço estão fortemente imbricadas na vida do sertanejo e como, no dia-a-dia, ele depende totalmente da memória para “ler” seu tempo e seu espaço, enfim, para se localizar no mundo e sobreviver.

2. Memória e história na literatura de Rosa

Nora afirma que “diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não tem referentes na realidade”, sendo, “eles mesmos, seu próprio referente” (NORA, 1993, p. 27). No entanto, a leitura que fazemos de *Grande Sertão: Veredas* como lugar de memória contradiz essas suas ideias, pois, ao mesmo tempo que é “fechado em si”, posto que trata-se de uma obra de arte, o livro está crivado de referências a um universo concreto, real, “dependendo” mesmo dessas referências para existir e, por isso mesmo, extremamente significativo como cristizador daquela memória espaço-temporal – “O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.” (ROSA, 2006, p.27). “(...) Esse lugarim Os Porcos existe de se ver, menos longe daqui, nos gerais de Lassance” (ROSA, 2006, p.102).



Mapa mostrando parte do cenário real imortalizado pela obra literária de Guimarães Rosa, que hoje motiva a existência do Circuito Turístico Guimarães Rosa. Disponível em: <http://circuitoguimaraesrosa.com.br/Mapa-do-Circuito-GR-Original.jpg> (Acesso em 07/08/2012).

Através de sua personagem Riobaldo, Rosa fala de uma Minas Gerais quase sempre deslocada do centro da historiografia produzida sobre o Estado. Refiro-me aos Gerais, ao sertão mineiro, território dos jagunços, dos coronéis, do gado, da amplidão dos campos, da aridez do cerrado. Cenário tão vivo, pulsante e rico de história quanto as regiões das Minas propriamente ditas (das vilas coloniais do Século XVIII, caracterizadas pela vida girando em torno da exploração mineral)⁴.

A Minas Gerais sertaneja que aparece em Rosa é um território que chega mesmo a extrapolar as fronteiras estaduais, enveredando pelo sul da Bahia e de Goiás, criando uma nova geografia – “Situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro (...). Esses gerais são sem tamanho” (ROSA, 2006, p.7-8).

Na narrativa encontramos um verdadeiro inventário da geografia sertaneja – cidades, rios, relevo, fauna, flora... – bem como dos seus usos na medicina popular, na alimentação, no dia-a-dia dos costumes mantidos pelo povo do sertão. Nela encontra-se também uma leitura interessante da sociedade sertaneja, caracterizada como “fluida” e móvel: “(...) o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê.” (ROSA, 2006, p.517). “Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é perdurado. Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem pássaros de rios e lagoas” (ROSA, 2006, p.41-42).

Riobaldo, por sua vez, é um símbolo. Como acontece na literatura medieval, “o herói não existe senão no canto, mas não deixa de existir também na memória coletiva, na qual participam os homens, poeta e público” (ZUMTHOR, 1972, apud LE GOFF, 2003, p. 446). Uma das regras mnemônicas formuladas por Tomás de Aquino, no Século XIV, era a necessidade de encontrar simulacros e imagens adequadas das coisas que se deseja recordar. A memória precisa se materializar em símbolos (LE GOFF, 2003). É assim que, através das memórias “de Riobaldo” – simulacro de um fenômeno individual e psicológico – Rosa faz a ponte para a vida

⁴ A região que virou cenário tão fortemente presente na obra de Guimarães Rosa inspira roteiros turísticos contemporâneos e serviu de motivação para a criação do primeiro circuito turístico literário de que se tem notícia – o Circuito Guimarães Rosa. Maiores informações sobre esses roteiros podem ser encontradas no site do Circuito - < <http://circuitoguimaraesrosa.com.br/> > - e em recente reportagem do jornal Estado de Minas – ver LOBATO, Paulo Henrique. Caminhos de Rosa. *Estado de Minas*. Turismo. 19 de junho de 2012, p. 1, 4 e 5.

social que quer explorar na obra, tecendo relações homem-sociedade-meio, chegando até mesmo ao plano metafísico daquele universo.

Embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo, do qual o indivíduo é partícipe. Conforme coloca Halbwachs, é indispensável que haja entre o grupo e o memorialista uma identidade, pela qual se evidencie uma memória coletiva (FREITAS, 2002).

A função de memorialista, nesse caso, como já alertamos, pode (ou mesmo deve) ser transferida do narrador-personagem Riobaldo para o narrador-autor Guimarães Rosa. Referindo-se à memória e seus diversos suportes, de uma maneira genérica, Le Goff afirma que “as ligações entre as diferentes formas de memória podem apresentar caracteres não metafóricos, mas reais” (LE GOFF, 2003, p. 421). Nesse sentido, é preciso destacar que o próprio Rosa nasceu no sertão, “substrato” do seu livro, e, obviamente, não escapou de fundir suas memórias pessoais àquelas que recolheu já adulto entre os sertanejos, resultando no amálgama da memória literária expressa pela sua personagem. “O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (BENJAMIN apud FREITAS 2002, p. 59). Ele “descontextualiza” e “recontextualiza” dados verbais, através de uma “recodificação linguística” (GOODY apud LE GOFF, 2003), oferecendo ao leitor uma certa leitura, um “sentido preferencial” da realidade na qual busca suas referências (HALL, 2003).

Na obra, Rosa dá voz ao povo sertanejo, atendendo a um imperativo que o aproxima da prática da história oral: amplifica vozes que não se fariam ouvir, dando palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história (FREITAS, 2002). Aqui podemos traçar outra relação entre a literatura roseana e uma das características elencadas por Nora na sua conceituação de “lugar de memória” – citando o exemplo do calendário revolucionário francês, suplantado após a contrarrevolução, Nora diz que o fator que o “constitui ainda mais como lugar de memória, aos nossos olhos, é a sua derrota em se tornar aquilo que quiseram seus fundadores” (NORA, 1993, p. 22-23). Pensados à maneira de Nora, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p. 12). “Lugares salvos de uma memória na qual não mais

habitamos, semi-oficiais e institucionais, semi-afetivos e sentimentais, (...) onde palpita ainda algo de uma vida simbólica” (NORA, 1993, p. 14). O depoimento “de Riobaldo” a seu interlocutor expressa precisamente essa aparente derrota do mundo sertanejo do qual ele fez (ou faz) parte:

Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola (ROSA, 2006, p.25-26).

Apesar dessa sensação de derrota surgida do que foi suplantado, daquilo que não existe mais e se rememora com sentimento de perda, Dosse coloca, muito oportunamente, que a memória “é um ausente que age”.

Muito longe de ser o relicário ou a lixeira do passado, ela (a memória) vive de acreditar em possíveis e de esperá-los. Assim, o “luto” por um passado aparentemente superado pode se transformar em uma oportunidade para revisitar, a partir do passado, os múltiplos possíveis do presente, a fim de refletir sobre o mundo de amanhã (DOSSE, 2004, p. 184).

A personagem de Rosa também compartilha “intuitivamente” dessa ideia quando, por exemplo, expressa sua dúvida sobre o fim daquele universo espaço-temporal onde viveu e ainda vive: “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com sertão. Acaba?” (ROSA, 2006, p.167).

Nessa batalha entre um mundo em superação e um futuro inexorável, a memória coletiva, apropriada e cristalizada por Rosa em sua obra, tem um papel fundamental: preservar um mundo em risco de extinção. Conforme Le Goff, a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1984).

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida. (...) A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 2003, p.469- 470).

Considerações Finais

Para concluir quero retomar a questão central colocada no início: é possível ler *Grande Sertão: Veredas* como lugar de memória e fonte para a história de uma Minas sertaneja? Penso que sim.

O arqueólogo Andre Leroi-Gourhan, se valendo do olhar antropológico, aplica o termo “memória étnica” num sentido genérico, a todas as sociedades humanas, como sendo o mecanismo que assegura a reprodução de comportamentos específicos em cada configuração social (ver LE GOFF, 2003). A memória teria, assim, relação direta com a construção de identidades, variando apenas seu suporte – a oralidade, a escrita, entre outros, até chegar às mídias eletrônicas das sociedades contemporâneas. Pierre Janet considera que o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo, que se caracteriza, antes de mais nada, pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento, e neste ato intervém a linguagem, ela própria produto da sociedade (LE GOFF, 2003, p. 421). A obra literária de Guimarães Rosa, sem dúvida cristaliza a “memória étnica” de um grupo cultural, através da narrativa de um indivíduo-personagem pertencente a esse grupo que existiu e existe na realidade. Situa-se na intercessão entre uma memória vivida, oralmente expressa, e uma memória ficcional escrita, mas nem por isso menos viva.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas (ATLAN, 1972, apud LE GOFF, 2003, p. 421).

Pierre Nora sugere que para ser criado um lugar de memória, seria “preciso ter vontade de memória (...). Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história” (NORA, 1993, p. 22). Rosa certamente não pensou nessa clivagem entre memória e história ao escrever sua obra. Muito provavelmente sua maior preocupação estaria centrada na dimensão artística de sua criação. *Grande sertão: Veredas* é uma obra literária; não é, eminentemente, um estudo no campo das ciências sociais e não deve ter sido criada para sê-lo. A

intenção do seu autor deve ter sido mesmo dar vazão a impulsos interiores para criar um objeto de arte, que não tem a necessidade de se pautar pela preocupação científica. Contudo, para isso, Rosa incorporou o universo real de memória do sertão que, como toda memória, consiste “em uma trama ao mesmo tempo privada e pública”, advinda da “narrativa constitutiva de uma identidade pessoal ‘incrustada em histórias’ que faz da memória, uma memória compartilhada” (DOSSE, 2004, p.181) e, por isso mesmo, também consiste numa fonte historiográfica. A obra de Rosa acaba por criar uma ponte entre memória e história, ilustrando categoricamente a máxima de Dosse: “É pela mediação da narrativa que se pode realizar uma articulação entre essas duas dimensões” (DOSSE, 2004, p.180).

Longe de afirmar que *Grande Sertão: Veredas* seja uma obra historiográfica, pretendi, aqui, defender sua importância como “lugar de memória” e, simultaneamente, “lugar de história”. Rosa nos deixou não um retrato impessoal do universo no qual mergulhou, mas sua “codificação artística” daquele cenário natural, social, cultural, mental. Dependendo da habilidade do cientista social torna-se possível criar mecanismos eficientes para “decodificar” essa obra literária e transformá-la em ciência (HALL, 2003). Retomando Nora - “Os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p. 22). Sendo assim, lugares de memória podem também se converter em fonte científica.

Os gregos da época arcaica tinham a noção de que “a poesia, identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma sabedoria, uma *sophia*. “O poeta tem seu lugar entre os ‘mestres da verdade” (DETIENNE, 1967, apud LE GOFF, 2003, p. 434). No livro do “poeta” João Guimarães Rosa, como em outras obras literárias, o historiador comprometido com a busca da “verdade” – material e base da sua ciência – pode encontrar, sem dúvida, uma rica fonte, conforme nos indica “o próprio Riobaldo” ao lembrar o momento em que ele se deparou com uma obra literária: “Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo. Nele achei outras verdades, muito extraordinárias” (ROSA, 2006, p.380).

Abstract: This article aims to discuss the possibility of addressing a literary work – *The Devil to Pay in the Backlands (Grande Sertão: Veredas)*, a classic by João Guimarães Rosa – as "place of memory" and a source to penetrate the history of the interior of Minas Gerais, a region often set aside or marginalized in academic production. Resuming critically the ideas of some authors who contributed to theorizing about the relationships between memory and history, I try to point out interpretative paths and possibilities of use of this literary work in historical science.

Key-words: Memory. History. Literature. Guimarães Rosa. Minas Gerais.

Referências

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Bauru. S. P.: EDUSP, 2004.

FREITAS, Sônia M. de.. *História Oral – Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HALBWACHS, Maurice . *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. "Codificação / decodificação". *Da diáspora: Identidades e mediações culturais (org. Liv Sovik)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed UNICAMP, 2003.

LOBATO, Paulo Henrique. Caminhos de Rosa. *Estado de Minas*. Turismo. 19 de junho de 2012, p. 1, 4 e 5.

MEYER, Mônica. *As anotações de viagem de Guimarães Rosa pelo sertão de Minas Gerais*. João Pessoa: Graphos - Edição especial, 2006.

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993.

NERY, Paulo R. A. *Homo Viator: A permanente construção da subjetividade em Guimarães Rosa através dos diários de viagem*. Tese de Doutorado – UFRJ, s/ data (mimeo.).

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

Fontes eletrônicas consultadas

< http://www.imagemtempo.com.br/guimaraesrosa/curta_13_livro.htm > Acesso em 07 ago. 2012.

< <http://letrasinversoreverso.blogspot.com.br/2012/06/os-60-anos-de-10-dias-de-uma-viagem-que.html> > Acesso em 07 ago. 2012.

< <http://circuitoguimaraesrosa.com.br/> > Acesso em 07 ago. 2012.

< <http://www.manuelzao.ufmg.br/> > Acesso em 07 ago. 2012.